



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E LITERATURA

INTERNATIONAL SEMINAR ON PHILOSOPHY AND LITERATURE

PORTUGAL - GOA:

OS ORIENTES E OS OCIDENTES

THE EAST(S) AND THE WEST(S)

Coordenação de Maria Celeste Natário, Renato Epifânio e Maria Luísa Malato



Ficha técnica

Título:

Portugal – Goa: os Orientes e os Ocidentes

Portugal – Goa: The East(s) and the West(s)

Seminário Internacional de Filosofia e Literatura

International Seminar on Philosophy and Literature

Organização:

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Maria Luísa Malato (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto / Instituto de

Literatura Comparada Margarida Losa)

Paulo Borges (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

Editor:

Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Filosofia

Ano de edição:

2019

ISBN 978-989-8969-35-4

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-35-4/port>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1691&sum=sim>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência FIL/00502.

MEDITAÇÕES SOBRE INVENÇÕES DO ORIENTE

NA OBRA DE MILTON HATOUM

Odalice de Castro Silva

Universidade Federal do Ceará
Av. da Universidade, 2853 - Benfica, Fortaleza - CE, 60020-181, Brasil
+55 85 3366-7300 | keilavieiras@gmail.com

Resumo

A Literatura e alguns núcleos reflexivos que proporcionam interessantes relações com categorias como Ocidente-Oriente encontram na obra do escritor brasileiro Milton Hatoum (1952) um campo de possibilidades para que seus leitores discutam, pela escrita de uma memória ficcionalizada, experiências concretas na “espessura do cotidiano” (Kujawski:1991), dos embates culturais daquilo que Edward Said (1935-2003) considerou “O Oriente como invenção do Ocidente” (*Orientalismo*, 1978). Em *Relato de um certo Oriente* (1989), bem como nas obras posteriores, romances e contos, o leitor descobre grandes temas que têm ocupado as reflexões filosóficas sobre a existência, nos dramas familiares, nos confrontos com o outro e suas diferenças, nos embates dos costumes, de posturas éticas e morais, através de trocas entre os personagens que povoam os espaços do esquecimento nas dificuldades de cada dia. As meditações propostas por este exercício crítico encenam os mitos da invenção de uma imagem construída nos ruídos de uma língua estranha, nos diferentes desenhos dos sinais árabes e dos da língua portuguesa – neste espaço de pensadores que se detiveram em meditar sobre as invenções do existir humano.

Palavras-chave: Milton Hatoum; Oriente-Occidente; Cotidiano; Existência.

Abstract

Literature and some reflective nuclei that provide interesting relations with categories such as West-East find in the work of the Brazilian writer Milton Hatoum (1952) a field of possibilities for his readers to discuss, through the writing of a fictionalized memory, concrete experiences in the "thickness of the daily (Kujawski: 1991), of the cultural clashes of what Edward Said (1935-2003) called "The Orient as the invention of the West" through *Orientalismo* (1978). In *Relatos de um certo Oriente* (1989), as well as in later works, novels and short stories, the reader discovers great themes that have occupied the philosophical reflections on existence, in family dramas, in confrontations with each other and their differences, in the conflicts customs, ethical and moral postures, through exchanges between the characters that populate the spaces of forgetfulness in the difficulties of each day. The meditations proposed by this critical exercise stage the myths of the invention of an image constructed in the noises of a strange language, in the different drawings of the Arabic signs and those of the Portuguese language – in this space of thinkers who have stopped to meditate on the inventions of human existence.

Keywords: Milton Hatoum; East-West; Daily; Existence.

Quando o olhar se despede da paisagem e as noites expandem a alma, no ponto exato do horizonte onde o deserto encontra o mar, pode-se ouvir o eco de trânsitos nômades, fantásticas projeções de um movimento que apaga o centro, a segurança, a proteção, o poder. Nas ilimitadas extensões do deserto, na instabilidade do mar ou na trilha tortuosa que leva à montanha (mas outras imagens poderiam nos socorrer), esses homens – que se tornaram existências na viagem – sentiram a impossibilidade de dizer o limite, o engano da inocência, a tortuosidade do sentimento, o antes de uma liberdade difícil, o tempo sem espera ou nostalgia.

Mauro MALDONATO, "O estrangeiro", *Raíces Errantes*

O vulto do Outro. O estrangeiro que me remete à minha estranheza, solicitando que me torne eu próprio, [um desenraizado?] faz de mim um estrangeiro.

Mauro MALDONATO, "O estrangeiro", *Raíces Errantes*

De Edgar Morin são as chamadas de leitura:

Estrangeiros e viandantes

Radicais incertezas e interrogações radicais

A vertigem do rosto do Outro

Figuras de fronteiras – Nuances, antes e para aquém e além de palavras conceituais.

Introdução a *Raíces Errantes*

Figurações de uma noite futura

Não há praticamente discordância entre os interessados da questão, quando afirmamos que os dois termos, "Oriente" e "Ocidente", são mais simbólicos do ponto de vista de metáforas espaciais do que de apenas determinantes geográficas, uma vez que não existe unificação nem geográfica, nem histórica.

A diversidade cultural das suas referências em relação ao ponto de vista de quem olha o globo terrestre dentro do que é possível circunscrever, uma vez que os dois "lados" só se encontram quando desenhados numa superfície, e cada um, embora forçosamente, seja posicionado de cada extremo da mesma, os olhos apreendem a horizontalidade artificial do planeta, quando as curvas se perdem, o que configuraria sua forma esférica, girando no espaço.

Luz e sombra não coexistem na percepção da esfera, uma impede a outra, à medida que a condição de visibilidade da primeira impõe à segunda a duração da noite.

Esta dualidade rompeu uma apreensão esquemática e passou, aos poucos, ao longo de milênios da História conhecida, a aglutinar as diferenças culturais, étnicas, míticas, políticas, religiosas, entre outros integrantes do compósito ativo e reativo das mutações ao longo do tempo, nas tensões de força das tradições.

Os lados forjaram as maneiras, as particularidades, as decisões de mando e poder, as ideologias e os preconceitos. Esses últimos, produto gerado nas dificuldades da intolerância, têm incansavelmente contribuído, malgrado tentativas um tanto tímidas, não para a percepção de equivalências – até que ponto seriam possíveis ou desejáveis? – mas de um contrapeso que divide, provoca crises, rupturas, respostas agressivas, violentas, e confrontos bélicos, que se contam como ganhos alegados, oriundos de tecnologias ou de estratégias de dominação, e têm espalhado, com extensão e consequências inimagináveis, o caos que simbolicamente fugiu da Caixa de Pandora.

Da fuga conta-se o que, produzido pelos homens volveu indesejável, e temido: o horror e a destruição de um sistema, no qual, Oriente e Ocidente não passam de grãozinhos de areia na extensão de nossas praias oceânicas, tomando nós de empréstimo aqui a metonímia da imagem de Michel Foucault (1926-1984), nas últimas linhas de *Les mots et les choses* (1966), quando se refere à humana impotência diante de um vislumbre do Universo.

“Estrangeiros e Viandantes”

Diante de uma realidade múltipla, de contornos vários, a comportar expansão histórica que muda segundo tempos, lugares, e pontos de partida do observador, uma constatação deve causar espanto a quem se inicia nestes temas, seja pela experiência dos livros, seja pela experiência de vivenciar (ou por ambos), por migração pessoal ou de antepassados: nem todos os lugares “ocidentais” são reconhecidos como tais, o mesmo sucedendo aos “orientais”.

A descoberta acontece por constatar-se que a inclusão se dá por pertencimento a princípios e valores, e muito menos por localização geográfica. Anote-se o caso da América do Sul, apesar do desenho mais unitário, localizada no ponto mais

ocidental da “terceira” América... Sabemos dos subterfúgios que a excluem frequentemente do “Ocidente”.

No caso específico do escritor brasileiro Milton Hatoum, o seu *Relato de um certo Oriente* (1989) tornou-se, em relação aos seus outros livros (narrativas mais longas ou contos) uma constante referência quando mencionado o nome de seu autor, até pelas ressonâncias do próprio título. Hatoum, nascido em Manaus, de família libanesa, é representado nestas considerações por seu romance de tons autobiográficos, com ficcionalização baseada na composição narrativa escolhida, e linguagem híbrida, entre memória e esquecimento, metaforizada no enredo e na construção de seus personagens. O título chama o enredo, e os dois levam o leitor aos antepassados do escritor, introduzindo-o no núcleo dos conflitos familiares, nas origens libanesas enraizadas (com resistências) na paisagem amazônica, com mitos muito próprios, que apontam para ângulos muito distintos de perspectiva.

A Amazônia e seus mitos, quando emoldurados por figuras que se movem pelas sombras de ambientes, de objetos, de costumes que se entrecrocaram nos sons de dicções árabes, criam uma sonoridade híbrida da Língua portuguesa e de suas heranças muitas, e uma harmonia dissonante estende-se, de forma dramática, ao longo da narrativa. Através da oralidade do “Relato”, evocada desde o título, se chega à narração:

“Sentia medo ao entrar naqueles lugares (os recantos desabitados da Parisiense) [...] ela apontava para um objeto e soletrava uma palavra que parecia estalar no fundo de sua garganta; as sílabas, de início embaralhadas, logo eram lapidadas para que eu as repetisse várias vezes. Nenhum objeto escapava dessa perquirição nominativa que incluía mercadorias e objetos pessoais: cadinhos de porcelana, almofadas bordadas com arabescos, pequenos recipientes de cristal contendo cânfora e benjoim, alcovas, lustres formados de esferas leitosas de vidro, leques da Espanha, tecidos e uma coleção de frascos de perfume que do almíscar ao âmbar formava uma caravana de odores que eu aspirava enquanto repetia a palavra correta para nomeá-los. [...] sentávamos na mesa da sala, e ela escrevia cada palavra, indicando as letras iniciais, centrais e finais do alfabeto. Eu copiava tudo, esforçando-me para escrever da direita para a esquerda, [...]”

(Hatoum: 2001, p. 51)

Trazer para o presente da escrita os fios soltos do passado exigirá da narração a recriação das falas que ajudam a compartilhar as cenas dos dramas, que

entretecerão, nos ambientes marcados por atmosferas tensas de perguntas perdidas no tempo.

Nos quartos, salas e corredores ressoa a língua árabe, contraponto necessário, a fim de que a tapeçaria tecida permitia ao leitor ver e ouvir as falas sofridas dos personagens descritos em torno de um “certo Oriente”, feito de incertezas e errâncias. Conforme Milton Hatoum, em entrevista a Maged El Gebaldy (2010), a incerteza vai além do que sugere o título:

“De que Oriente estamos falando? De um determinado Oriente? Mas qual deles? É isso que o livro insinua. É o mistério em torno desse Oriente que está um pouco nebuloso, e anda não se sabe qual é o Oriente do romance”.

(*Revista Crioula*, 2010)

A fragmentação dos episódios agrega-se a cada núcleo narrativo e não compromete a reelaboração dos fatos agora reinventados pela ficção, e reconstruídos pela narração (ou pelo leitor), uma vez que os entrechoques da escrita desenham os liames que funcionam como ligaduras. Os liames entre os fios da memória prendem a leitura, a romper e a manter a expectativa de biografias estendidas entre os cenários montados pelas metáforas que equilibram as tensões que em deslizamento, constroem a escritura de Milton Hatoum e acordam no leitor ressonâncias de tradições orientalizadas aprendidas por diferentes imagens.

“Radicais incertezas e interrogações radicais”

A “raízes errantes”, lembrando o belo título das reflexões de Mauro Maldonato (2004), se assemelham as origens escriturais de Milton Hatoum e suas inquietações acerca de (in)certo Oriente, traço fundo na memória, ainda Oriente perseguido como condição de existência para Edward Said (1935-2003), incondicional humanista nas causas que tomaram a frente de suas atividades como professor e intelectual visceralmente integrado às suas convicções.

O cruzamento de Hatoum com Edward Said aconteceu naturalmente, para além da admiração por Said, autor de obras das causas de suas origens árabes, mas também como tradutor de *Representações do Intelectual* – As conferências Reith de 1993 (2005) e organizador de *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003) e indicação editorial de *Orientalismo* – O Oriente como invenção do Ocidente (1990).

Ambos, Edward Said e Milton Hatoum, encontram-se, por afinidades e diferenças de vários tipos, afinidades nos âmbitos culturais originários e diferenças nas particularidades dos lugares em que se enraízam as primeiras experiências da infância, muito para além das dispersões posteriores, em que outras culturas se mesclaram inevitavelmente às primeiras.

Afinidades e embates confluem, nos dois casos, para que em ambos se enraízem mitos e memórias. No caso de Milton Hatoum, as atividades profissionais, seja de arquiteto, de professor, seja de escritor de ficções; ou no de Edward Said, de professor de Literatura Comparada, aliada ao propósito de falar e escrever a respeito da causa humanista pró-Palestina. Ambos terão a Literatura e cada um seu próprio cânone de leituras, o solo em que se fermentaram as ideias discutidas em obras de natureza crítico-reflexiva.

Os leitores podem partir de caminhos apontados pelo ensaísta-professor Edward Said, como uma passagem de *Fora do Lugar* (1999), escrito autobiográfico, onde se recusa o determinismo historicismo e a crítica imune a valores éticos, como sucede em algumas práticas da pós-modernidade, ou em geral confundida com a categoria de “pós-moderna”. Esses caminhos são promovidos, segundo Said, pelo Comparatismo literário, fonte de práticas humanistas:

“Quando se ligam obras entre si, elas são tiradas do esquecimento e da posição secundária à qual por todos os tipos de motivos políticos e ideológicos foram condenadas anteriormente. Portanto, o que estou propondo é o oposto do separatismo e também o reverso do exclusivismo. É somente por meio do escrutínio dessas obras enquanto literatura, como estilo, como prazer e iluminação, que elas podem ser, por assim dizer, recolhidas e mantidas. De outro modo, serão consideradas apenas espécimes etnográficos informativos, apropriados para a atenção limitada de especialistas da área [...] Uma grande parte da especulação teórica propôs que as obras de Literatura são completamente determinadas por uma situação e que os próprios leitores estão totalmente determinados em suas reações por suas respectivas situações culturais, a tal ponto que nenhum valor, nenhuma leitura, nenhuma interpretação podem constituir algo além do mero reflexo de algum interesse imediato. Todas as leituras e toda a escrita são reduzidas a uma emanção histórica pressuposta.”

(Said, 1999, *apud* Leyla Perrone-Moisés, 2003)

Said, na leitura crítica acima referida, aponta o “reconhecimento dos condicionamentos históricos e geográficos da obra literária e a avaliação estética com pressupostos universalistas”: a partir deles, o leitor encontraria o traçado de “seu difícil percurso” (*Idem*).

“Enquanto o mundo carecer de justiça e de beleza, a literatura tem uma função maior do que a de doutrinar ou distrair, e leitores humanistas como Said são indispensáveis.”

(Perrone-Moisés, 2003, sobre *Fora do Lugar*, 1999)

Esses são os caminhos para a percepção das “invenções do Oriente”: das experiências na origem da memória, as descobertas da casa, da espessura do cotidiano, das verdades e dos preconceitos; e da ficcionalização, pelas imagens metaforizadas de enredos e personagens. Esses foram os dois caminhos para ambos os escritores – Said e Hatoum.

Eric Hobsbawm (1917-2012) examina as diferenças da categoria “tradição inventada” em sua significação compósita, como “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; [...] de natureza ritual ou simbólica, [que] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (Hobsbawm, 1997: p. 9). A compreensão da categoria ainda inclui de forma bem ampla, “tanto as ‘tradições’ realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez” (*Idem*: p. 9).

Como não se trata de conceito recente, os aspectos ritual e simbólico dominam a “invenção” de uma imagem que se renova pela força dos pré-julgamentos, tanto para Milton Hatoum quanto para Edward Said. São “invenções” tematizadas, segundo Said, pela energia de seus incansáveis propósitos; segundo Hatoum, pela ficção. Ambos remitologizam as imagens com que aprendemos a lidar com as diferenças.

Os “deslocamentos” de Hatoum e de Said realizam, ao longo da vida e da construção de seus livros, o que Dominique Maingueneau considerou como “paratopia”, reescrevendo a categoria “campo literário”, segundo Pierre Bourdieu

(1930-2002): uma simultânea perspectiva de mobilidade e de implicações circunstancializadas.

“A pertinência ao campo literário não é, portanto, a ausência de qualquer lugar, mas antes uma negociação difícil entre o lugar e o não-lugar, uma localização parasitária que vive da própria impossibilidade de se estabilizar. Essa localidade paradoxal, vamos chamá-la paratopia [...] A situação paratópica do escritor leva-o a identificar-se com todos aqueles que parecem escapar às linhas de divisão da sociedade: boêmios, mas também judeus, mulheres, palhaços, aventureiros, índios da América, de acordo com as circunstâncias. Basta que na sociedade se crie uma estrutura paratópica para que a criação literária seja atraída para sua órbita.”

(Maingueneau: 2006, p. 28-36)

Tanto o discurso de irrecusável tom libertário, quanto as associações dos dois escritores a diferentes disposições linguísticas ou gêneros literários, ligam-se, pela paratopia, a uma terceira margem, na qual “erram”, paratópicos, identificados com a “impossibilidade de se estabilizar”, movidos pela potência que não se realiza numa ação concreta, mas que os leva à denúncia dos desenraizados. Como lemos na declaração de Said, para a “Introdução” de *Orientalismo*:

“Muito do investimento pessoal neste estudo deriva da minha consciência de ser um “oriental”, por ter sido uma criança que cresceu em duas colônias britânicas. Toda a minha educação, naquelas colônias (Palestina e Egito) e nos Estados Unidos, foi ocidental, e ainda assim, aquela consciência profunda persistiu. [...] o meu estudo do Orientalismo foi uma tentativa de inventariar em mim o sujeito oriental, os traços da cultura cuja dominação tem sido um fator tão poderoso na vida de todos os orientais. É por isso que o Oriente islâmico teve de ser o centro da atenção. [Tentei] empregar aqueles instrumentos de pesquisa histórica, humanística e cultural de que a minha educação me tornou o feliz beneficiário. [...] jamais perdi a consciência da realidade cultural de um “oriental”, o envolvimento pessoal de ter sido constituído como um oriental.” (Said, 2007, p. 57)

As complexas ligações entre vida e obra apontam para o que se delineava como uma vocação, nos três campos em destaque da metodologia acima em esboço, História, Humanidades, Literatura, através de cânones que unem os campos em atrito, enriquecendo os estudos culturalistas, sem descrédito para o discurso metafórico com que seus poetas e ficcionistas problematizaram o lugar e o não-lugar, espacialidades intercambiáveis.

O espaço da escrita permite que diferentes ambientes e atmosferas se aproximem, sem que se confunda o que as particulariza como o Outro. Para Hatoum, a memória se “escrituraliza”, indo além dos registros e “relatos”, dando corpo à terceira margem, seja ainda no Brasil (São Paulo, Amazônia, Brasília), ou fora do Brasil, onde a Língua Portuguesa é pressionada por outras sonoridades, lendas e mitos. As evocações de *Mil e uma noites* levantam os arquétipos milenares do Oriente de forma tão audível, quanto o “tilintar das quatro pulseiras douradas no antebraço esquerdo [...] único ruído do seu corpo” (Hatoum, 1989, p. 154), antes do silêncio definitivo da matriarca da casa:

“A casa está fechada e deserta, o limo logo cobrirá a ardósia do pátio, um dia as trepadeiras vão tapar as venezianas, os gradis, as gelosias e todas as frestas por onde o olhar contemplou o percurso solar e percebeu a invasão da noite, precipitada e densa. O olhar parece dialogar com algo semelhante à noite, com os objetos abandonados na escuridão, com os passos lentos que povoam uma casa, um mundo: os pátios, a fonte e o seu entorno, a flora que une o céu à terra, os animais que desconhecem a clausura [...] há tantas verdades para serem esquecidas e uma fonte de fábulas que podem tornar-se verdades.” (*Ibid*, p. 155-6)

As vozes ainda ressoam pelos aposentos e corredores da casa que abrigou as personagens do *Relato* a um espaço de passagem, um “entre-lugar”, no dizer de Silvano Santiago, o crítico e pensador brasileiro, ao considerar a condição de terceira margem da América Latina.

O sufixo “ismo” que transforma o Oriente, compreendido no seu plurilinguismo e diferentes culturas, em categoria ligada a movimento, tendência, ideologia, também gera a sua antítese: o Ocidentalismo. Fenômenos culturais? Orientalismo e Ocidentalismo são apenas diferentes figurações do ódio e da intolerância, categorias de ataque e de defesa de valores e princípios?

Ian Buruma e Avishai Margalit, os autores de *Ocidentalismo*, com o subtítulo *O Ocidente aos olhos de seus inimigos* (2004), publicaram suas reflexões três anos depois do 11 de setembro. É provável que um dos motivos tenha sido uma pesquisa sobre os precursores históricos do ódio por tudo que liga os ocidentais à modernidade, como antítese da tradição, com seu quê de equívoco, uma vez que os termos não se excluem, na interdependência com que se significam mutuamente: “O retrato desumano do Ocidente pintado por seus inimigos é o que chamamos Ocidentalismo.” (2004, p. 11)

Na metáfora da casa “fechada e deserta” de Hatoum, “as trepadeiras vão tapar as venezianas, os gradis, as gelosias e todas as frestas por onde o olhar contempla o percurso solar”. Destaque-se a solidão e o silêncio, as vozes que se altercavam e se desentendiam, desejosas, mas incapazes de encontros. Desapareceram os parceiros dos conflitos. Percebe-se a “invasão da noite, precipitada e densa”, “algo semelhante à noite, com os objetos abandonados à escuridão”, depois que a dispersão dos personagens esvaziou o cenário do drama.

Seja na versão intelectual, humanística e política de Edward Said, seja através do olhar que contempla a invasão de sombras, no mundo redescoberto de Milton Hatoum, entre os impulsos de eliminação ou os motivos de disputas e guerras, persiste a pura existência emoldurada de Oriente vs. Ocidente, sem o reforço dos “ismos”, insinuam-se os versos do poeta de Florença que percebeu o anoitecer:

“O sol se vai e chega a noite:

Não vos detenhais, mas descobri a saída,

Enquanto o Ocidente não se enegrece.” (1989: p. 241)

Os versos são do “Purgatório”, de *A Divina Comédia* de Dante Alighieri (1265-1321), segunda arte de *A Divina Comédia* (1317-1319), no Canto XXVII, o terceto 61. Pensadores que referem os versos do poeta como possível sugestão da decadência ocidental, como Julian Marías (1914-2005) ou Gilberto de Mello Kujawski (1929-), lembram que a dinâmica entre o nascer e o por do sol é também de ação e retroação, de equilíbrio instável: as sombras ameaçam a plena luz, e esta refugia-se, muitas vezes, numa espécie de entre-lugar, talvez uma troca momentânea de extremos, quando se descobre “a saída”: ainda não é dia, mas também já não domina a escuridão.

Pode-se só então orientalizar o Ocidente, ocidentalizar o Oriente, sem “ismos”, numa reciprocidade sem extremismos.

Acordos divergentes – “A vertigem do rosto do Outro”

A Introdução poética de Edgar Morin ao belo livro de Mauro Maldonato lança algumas pistas para a leitura deste encontro entre Milton Hatoum e Edward Said. Evitando o silêncio dos paradoxos, geradores de certezas radicalizadas diante de uma dupla “invenção” que já conta com milênios de agravos mútuos, considerando a longevidade da imagem do Oriente e a busca da unidade problemática do

Ocidente, que vem se configurando através do mito de Europa ou dispersando formado geograficamente por vários continentes, retomamos a metáfora de Mauro Maldonato: as “raízes errantes”.

Móveis, as raízes errantes negam-se ao parasitismo, à fixidez que tolhe o movimento, buscando, como braços na direção do desconhecido, o estrangeiro, o “rosto do outro”. As “raízes errantes” são a base de uma parábola do encontro que fala da troca de seivas, sem que nenhuma delas perca o que lhe é próprio, mas permitindo que cada uma se reenergize do que não tem.

A dupla invenção movimenta-se na irrecusável constatação de que uma não se configura sem a outra. Oriente e Ocidente lançam-se para aquém e para além do que os séculos têm, até agora, colado no rosto de cada um.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *As regras da Arte*. Gênese e Estrutura do Campo Literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- BURUNA, Ian e MARGALIT, Avishai. *Ocidentalismo*. O Ocidente aos olhos dos seus inimigos. Trad. Sérgio Lopes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia*. Purgatório. Trad., Introdução e notas Cristiano Martins. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1989, 5ª ed.
- EL GEBALDY, Maged. Entrevista com Milton Hatoum. Revista *Crioula*. São Paulo, nº 7, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. Uma Arqueologia das Ciências Humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999, 8ª ed.
- HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- HOBSBAWM, Eric e Ranger, Terence (Org.) *A invenção das tradições*. Trad. Celina Jardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A crise do século XX*. São Paulo: Ática, 1991.
- MALDONATO, Mauro. *Raízes errantes*. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Sesc, Ed. 34, 2004.
- MORIN, Edgar. “Introdução” a *Raízes errantes*. In: Maldonato, Mauro. *Raízes Errantes* Trad. Roberta Barni. São Paulo: Sesc, Ed. 34, 2004.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Um intelectual fora do lugar”. Artigo sobre *Fora do lugar – Memórias*, de Edward Said (1999). *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, 29.06.2003.
- SAID, Edward. *Ocidentalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- _____. *Fora do Lugar – Memórias*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cia das Letras, 2004 (1.ª ed. do original, 1999).

